

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTOPENSAR NOS
APROXIMA

Apresentação

Braskem

Patrocínio

Unimed
Porto AlegreHOSPITAL
MOINHOS DE VENTO

Parceria Cultural

MARISTA

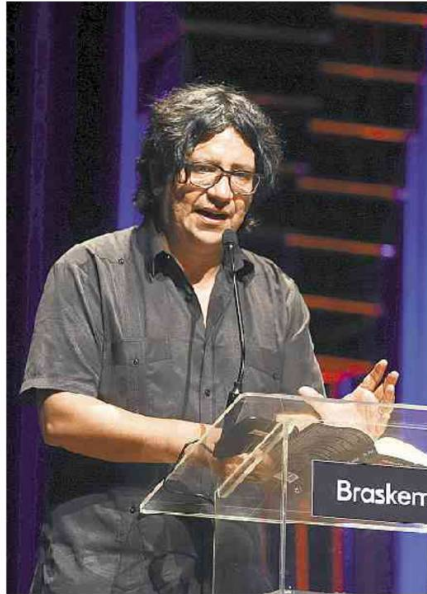
PUCRS

Empresas Parceiras

CMPC
CELULOSE

Dos paradoxos do romance

JAVIER CERCAS E ALEJANDRO ZAMBRA estiveram na Capital nesta segunda-feira



FOTOS: ISADORA NEUMAN

Cercas e Zambra refletiram sobre a literatura no Salão de Atos da UFRGS

FÁBIO PRIKLADNICKI
fabio.pri@zerohora.com.br

O romance como gênero literário foi o tema do encontro de dois destacados autores de língua espanhola na segunda-feira, no Salão de Atos da UFRGS, dentro da programação do Fronteiras do Pensamento. O espanhol Javier Cercas, 56 anos, conhecido por livros como *Soldados de Salamina*, e o chileno Alejandro Zambra, 43, autor de *Bonsai*, entre outros, realizaram palestras individuais e depois se sentaram para um debate mediado pelo professor Sergius Gonzaga, coordenador do Livro e Literatura da Secretaria da Cultura de Porto Alegre.

Cercas realizou uma palestra na qual examinou um “ponto cego” que caracteriza seus romances e os que ele mais admira. Significa dizer que o romance é a busca por uma resposta que, ao final, não existe. Não, pelo menos, de forma clara, taxativa. A resposta é sempre complexa, ambígua, irônica.

– O romance é o gênero das perguntas, e não das respostas – resumiu.

Um exemplo disso, prosseguiu o autor, é *Soldados de Salamina*, que investiga a motivação de um soldado para poupar a vida de Rafael Sanches Mazas, ideólogo da Falange, organização da base do ditador espanhol Francisco Franco, em um episódio do fim da Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Ao final do romance, a resposta não é explicitada.

Mecanismo semelhante opera em *Dom Quixote*, de Cervantes, em que o

protagonista pode ser visto como louco e lúcido ao mesmo tempo; em *Moby Dick*, de Melville, no qual a baleia representa o Mal e o Bem; e em *O Processo*, de Kafka, que não deixa claro se Joseph K. é culpado ou inocente. Segundo Cercas, o ponto cego – que aparece também em outros gêneros, como a peça *Esperando Godot*, de Beckett – é fundamental porque o romance só se realiza quando encontra os leitores, que atuam justamente nesse espaço para diferentes interpretações deixado pelos autores.

DEBATE ABORDOU SITUAÇÃO DO BRASIL

Alejandro Zambra, na conferência intitulada *De Romance, Nem Falar*, examinou aparentes contradições da literatura a partir de citações de Clarice Lispector, cuja obra ele admira desde os tempos de faculdade, quando as leu em fotocópias – os livros no Chile, segundo Zambra, são caros.

“Digo o que tenho que dizer, sem literatura”, “Não saber escrever talvez seja exatamente o que me salvará da literatura” e “Estou escrevendo com muita facilidade, e com muita fluência. É preciso desconfiar disso” foram as frases de Clarice que ilustraram a fala do escritor chileno como exemplos da condição paradoxal do processo de criação.

Zambra recordou que a biblioteca de sua casa, como a maioria dos lares de classe média no Chile, consistia de uma coleção de livros baratos distribuídos como brindes de uma revista, abarcando

do literatura espanhola, chilena e universal. Sua geração cresceu lendo os chilenos, mais especificamente os chilenos mortos, pois os demais estavam no exílio. Havia pouca noção de uma literatura latino-americana. Entre a poesia e o romance, Zambra refletiu sobre a busca por uma linguagem chilena:

– O grande tema secreto da literatura chilena é esse abismo entre o que se diz e o que se escreve.

Por fim, o autor expressou que preferia falar de “livros”, pois, citando o uruguaio Mario Levrero, um romance atualmente é qualquer coisa que se coloque entre uma capa e uma contracapa.

Durante o debate, não poderia faltar uma pergunta do público sobre a situação política do Brasil. Cercas contextualizou a ascensão do nacional-populismo no cenário mundial e alertou para a sedução de líderes carismáticos que aparecem com soluções fáceis e desprezo pela democracia. Na mesma toada, Zambra disse não conseguir acreditar que um candidato que defenda a ditadura e fale contra as minorias sexuais possa ser o próximo presidente do Brasil, e desejou que dessa tristeza emergja, eventualmente, uma alegria.

O Fronteiras do Pensamento Porto Alegre é apresentado por Braskem, com patrocínio Unimed Porto Alegre e Hospital Moínhos de Vento, parceria cultural PUCRS e empresas parceiras CMPC Celulose Riograndense e Souto Correa. A parceria institucional é da Uniced. Universidade parceira: UFRGS. Promoção Grupo RBS.



PEDRO
GONZAGA

pdgonzaga@icloud.com

O ADVERSÁRIO

Dia desses um furioso me cobrava, com a trivial e babujante ira dos furiosos, uma postura clara sobre o nosso momento político, queria a minha confissão de voto, alegando não ser mais possível alguém se esconder por detrás de ironias e indiretas. Tentei argumentar com a velha piada do Groucho Marx, de jamais pertencer a um clube que me aceitasse como sócio, cheguei a lhe indicar a autobiografia do comediante, *Groucho e Eu*, uma das mais eficazes leituras para amainar tempos áspers, mas é dos furiosos a surdez cognitiva, o seguir pontificando com a procuração que a tolice lhes deu. Isso é medo, seguiu ele, isso é vergonha de dizer em quem vai votar. Digo mais, é covardia.

Quem dera houvesse reticências gordas o bastante para reproduzir textualmente a profundidade de um suspiro, embora mais útil fosse uma tecla *mute* para a vida real. Porque, no mais das vezes, trata-se de uma batalha perdida de antemão. Reparem. Segui o protocolo republicano. Argumentei em defesa da natureza secreta do voto, revelei a inconveniência de exigir dos outros o que só se pode exigir de si mesmo. Conversa fiada, ele disparou, conversa de quem não luta de verdade. Mas eu já sei qual é teu lado, só queria confirmar.

René Girard dizia que nada une mais alguém a um grupo do que comungar de um mesmo ódio, mais do que das afinidades. Estaríamos todos sujeitos a esse processo. Queremos ser aceitos, queremos participar de alguma coisa maior do que nós, e para isto está o atalho do ódio, um ódio imitativo. É fácil percebê-lo nas disputas futebolísticas, na alegria imediata de identificar o adversário. O que nos diferencia do furioso, no entanto, é que ele enxerga apenas o ódio, e mais rápido o abraça, denunciando como ódio todos os ódios que não são compatíveis com o dele.

É o que energiza sua certeza, e é o que aniquila nossa dúvida, esmagando-a com a convicção do ódio, que nos contagia, levando-nos também a odiar, por conversão ou aversão. Por isso, nenhum ensinamento é mais extremo e redentor do que oferecer a outra face, aponta Girard, ensinamento que nunca alcancei, confesso. Mas há um meio termo possível que é o sorriso irônico com que me despedi e me afastei.

Creio que tais tipos cruzam nosso caminho feito uma versão suavizada daquelas provações bíblicas. Seu fanatismo para testar nossa tolerância, sua obtusidade para nossa paciência, sua descortesia para nossa civilidade.

GAÚCHAZH



Leia outras
colunas em
gauchazh.com/
pedrogonzaga